

Mídia do Passado

J. Roberto Whitaker Penteado

Nesse momento em que tanto se teme a mídia do futuro, quero falar da mídia do passado, de 60 anos atrás. Depois explico porquê.

No Rio capital do país, meu pai recebia 2 jornais, de manhã: o Diário de Notícias e o Correio da Manhã. O Globo era vespertino e o Jornal do Brasil só lido por quem precisava ler os classificados. Meu avô, em S. Paulo, lia a Folha da Manhã e, à tarde, quando voltava do trabalho, A Gazeta. Aos domingos, vinha o Gibi – um suplemento de HQ. Revistas infantis, havia o Tico-Tico e a Vida Infantil, com desenhos de um tal de Joselito, de quem ninguém lembra mais, mas era o melhor da época. A EBAL lançava Mindinho, com as histórias do Pernalonga e do Hortelino Trocaletra, uma grande novidade.

Mamãe não dispensava Fon-Fon, Jornal das Moças, e as fotonovelas de Grande Hotel, trazidos por papai e a família lia semanalmente O Cruzeiro. Vovô colecionava Seleções do Readers' Digest – a cultura da época.

Na propaganda externa, havia os anúncios em bondes – embora já circulassem ônibus – mas eram os bondes que tinham cartazes interessantes nas laterais e grandes painéis horizontais, de um lado ao outro, que traziam coisas como dois olhos enormes e o texto “Assim como me vê são vistos os anúncios neste bonde”; ou o imortal “Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado...” Criado em 1916, pelo texto, só o poderia ter sido como anúncio em bonde. Os painéis pintados estavam em toda a parte, sem que as prefeituras se importassem muito; mas a alegria e o delírio da criançada eram os luminosos. De um, não esqueço: ao lado da marca SALUTARIS, uma garrafa enchia, aos poucos, um copo, que ficava cheio e borbulhante. Havia, também ZENITH, em que as letras iam aparecendo uma de cada vez e acabava com um raiozinho aparecendo em baixo, saído da letra Z.

Mas o grande barato era o rádio. Na escola, dançávamos cantando, em vez da Cirandinha, “Magnésia leitosa, gostosa, fiel; magnésia leitosa de Orlando Rangel”. E todo mundo conhecia: “Grindélia de Oliveira Junior, ôi!” A Rádio Nacional reinava soberana e toda a família ouvia as novelas: Em busca da Felicidade e O Direito de Nascer. Jóias da Literatura, Piadas do Manduca, Tancredo e Trancado, O Vingador, depois, O Anjo e também o Edifício Balança mas não Cai. Quando ia a São Paulo, ouvia os programas do Nhô Totico e do Silvino Neto. As notícias? O Repórter Esso, primeiro a dar as últimas – slogan que eu não entendia muito bem.

É apenas um repasse na memória. Havia, certamente, muito mais - a preencher aqueles espaços que as pessoas têm para receber e guardar mensagens da mídia.

O que traz à observação que deixei para o final: mudou muito, a mídia, sem dúvida. Mas quanto mudaram as pessoas, nos últimos 60 anos? Mais objetivamente, ainda, quanto mudaram as pessoas nos últimos 60 mil anos, desde que a mídia eram os desenhos feitos nas cavernas? Nada, no corpo, e muito pouco na alma. Talvez seja bom ter isso em mente, ao tentar entender como será a mídia do futuro.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Mídia do Passado. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=225&ID=300>>. Acesso em: 20 ago. 2009.